

OS GÊNEROS TEXTUAIS DO PÚBLICO FEMININO JOVEM: UMA ANÁLISE DAS REVISTAS CAPRICO, ATREVIDA E TODATEEN

Letícia Cortellete¹

RESUMO:

Este artigo descreve e analisa os gêneros textuais presentes nos principais materiais escritos destinados à parcela feminina jovem do país a partir de pesquisa em revistas adolescentes, investigando as contribuições dessas para as práticas de letramento (ROJO, 2009) de seus leitores. As revistas que compõem o corpus deste trabalho são as seguintes: a edição da primeira quinzena de novembro da Capricho, a edição do mês de agosto da Atrevida e a edição do mês de novembro da Todateen, todas do ano de 2012. Constatamos que os gêneros mais recorrentes são o tutorial, a entrevista e o teste, com maior predominância do primeiro. Observamos também a alta hibridização dos gêneros textuais presentes nessas revistas, ressaltando o caráter dinâmico e a plasticidade dos gêneros (BAKHTIN, 2003). Em relação às práticas de letramento, destacamos o trabalho das publicações analisadas com os letramentos múltiplos (ROJO, 2009), sobretudo o internetês.

Palavras-chave: Gêneros textuais. Letramento. Revistas femininas.

1 Introdução

Nos últimos anos, os gêneros textuais têm sido tema de inúmeros estudos da Linguística Aplicada e sua importância é elementar: é por meio deles que interagimos nas diversas esferas da sociedade humana. O conceito de gênero leva-nos a pensar também na questão das práticas de letramento, pois nos situa na perspectiva interacional da linguagem, isto é, de que a língua é um produto social relativo às diversas esferas de atividade humana.

Sendo os gêneros produtos da interação humana e os letramentos das práticas sociais, é evidente que essas noções fazem parte do nosso dia a dia e são contempladas em diversas atividades cotidianas, desde a simples montagem de determinado equipamento seguindo instruções de um manual até a leitura de um jornal ou revista.

Com base nisso, este artigo propõe uma investigação sobre o papel das revistas adolescentes na constituição das práticas de letramento do público feminino jovem. A ideia central é a de que podemos inferir quais são os gêneros mais consumidos por esse grupo a partir da análise de revistas voltadas para ele e, com isso, determinar a

¹ Graduanda do curso de Letras – Português da Universidade Federal de Santa Catarina.
leticiaortellete@gmail.com

relevância dessas publicações enquanto eventos de letramento (ROJO, 2009). Para isso, foram selecionadas três revistas nacionais *teens* de grande circulação, a *Atrevida*, a *Todateen* e a *Capricho*, contempladas em uma edição cada. A análise será feita em três partes: uma para cada publicação a fim de descrevermos todas em sua totalidade. A influência nas práticas de letramento será comparada e discutida no fim desse artigo, buscando também estabelecer se há uma diferença qualitativa entre as revistas.

2 Análise

A seguir, apresentamos a descrição analítica das revistas que compõem o *corpus* deste trabalho, a saber: *Atrevida*, *TodaTeen* e *Capricho*. Consideramos para esta análise os gêneros mais recorrentes em cada publicação e buscamos descrever os contextos nos quais eles se fazem presentes dentro de cada revista, bem como o conteúdo neles veiculado e o seu estilo.

2.1 *Atrevida*

A revista *Atrevida* é dividida em quatro segmentos: comportamento, gente, moda e beleza. Os temas predominantes são relacionamentos, estilo e celebridades, e a edição de agosto conta com 98 páginas.

Nessa publicação, os gêneros mais recorrentes são a carta, a reportagem, a entrevista e o tutorial. O gênero carta apresenta configurações diferentes relacionadas ao seu conteúdo dependendo da seção da revista em que se encontra, de modo que podemos descrevê-lo em níveis mais detalhados, identificando algumas subcategorias: “Embora os gêneros sejam identificados essencialmente em termos de propósitos comunicativos aos quais tendem a servir, esses propósitos comunicativos podem ser caracterizados em diferentes níveis de generalização” (BHATIA, 2009, p. 165). Temos, por exemplo, a carta-comentário, muito comum em publicações periódicas, que aparece logo nas primeiras páginas da revista e tem como propósito comunicativo fazer apontamentos sobre a edição anterior. As leitoras comentam suas matérias favoritas e fazem elogios à revista. Na chamada dessa seção, lemos: “Conta pra gente o que você achou desta edição da *Atrevida*! É só mandar um e-mail para atrevida@escala.com.br ou comentar no Twitter @atrevida” (ATREVIDA, 2012, p. 11). Nota-se aqui a evolução do gênero textual carta que, graças aos desenvolvimentos tecnológicos, foi assimilada

ao *e-mail* e ao *twitter*. Esse processo de transmutação de um gênero em outro demonstra que as formas genéricas não são estanques, pois sofrem hibridizações pela influência de elementos socioculturais.

Há, ainda, a carta-pergunta cuja finalidade principal é expor dúvidas pessoais em busca de aconselhamento. Na *Atrevida*, esse subgênero é o predominante entre as cartas, e as perguntas mais frequentes são sobre relacionamentos em geral (namorados, amigos e família) e sexo. Uma diferença significativa entre essa categoria e a anterior é que nesta existe uma resposta por parte da revista, que busca dar dicas e conselhos para a leitora.

Por fim, temos a carta de humor, na qual a proposta é o relato de alguma situação cômica. Nesse caso, também não há resposta, mas a revista classifica as histórias entre mais e menos vergonhosas a partir de um “micômetro”.

Outro gênero predominante na *Atrevida* é a entrevista. Nessa edição, temos um total de seis, todas com artistas do meio da música e da televisão. É comum que esse gênero venha atrelado a outro, no caso a reportagem, que o precede e pode variar quanto à extensão. Como a *Atrevida* prioriza textos curtos e uma leitura rápida, suas entrevistas são acompanhadas apenas de informativos breves sobre o entrevistado e um número alto de fotografias deste. Com relação a reportagens propriamente ditas, essa edição contava com apenas três, sendo uma delas novamente a respeito de uma celebridade. Embora as outras se referissem a esportes e a *bullying*, temas passíveis de textualização mais densa, o padrão se manteve o mesmo: poucos parágrafos e muitas imagens. Entre os gêneros contemplados nessa edição da revista, a reportagem seria justamente aquele que daria espaço a textos mais extensos, mas isso não acontece. Uma técnica muito utilizada pelos redatores é a dissertação do texto em colunas ou tópicos em vez do texto corrido, já que essa disposição favorece uma leitura mais rápida. O texto fragmentado não exige que se disponha de muita atenção para lê-lo, favorecendo aquele tipo de leitura “passando os olhos”. Na realidade, o que existe são conjuntos de pequenos textos sobre o assunto que não se interligam para formar um todo coesivo, pois eles funcionam isoladamente.

O gênero que mais aparece é, sem dúvidas, o tutorial. Esse tipo de texto funciona semelhantemente a um manual de instrução, indicando os procedimentos para a obtenção de determinado objetivo. Ele pode ser mais detalhado, oferecendo um passo a passo de como fazer certa maquiagem ou penteado, ou mais genérico, funcionando

como um guia. Na *Atrevida*, temos esses dois tipos: “Missão Formatura” é um tutorial sobre como planejar uma viagem de turma ou um baile de formatura, fazendo alguns apontamentos gerais sobre o que é necessário levar, quanto tempo leva para programar, etc.; já o tutorial “Anime-se” ensina com um passo a passo como criar .gifs animados no computador. Além desses, há tutoriais de maquiagem, de relacionamentos (explicando como conquistar um pretendente popular ou mandar uma mensagem adequada para cada tipo de garoto) e de emagrecimento. Esse gênero é quase um derivado das receitas, mas com conteúdo mais amplo e composição mais variada. É no sentido do estilo que eles mais se aproximam, já que o texto de ambos é simples e sucinto.

Surpreendentemente, o gênero teste, que normalmente é de grande popularidade nessas publicações, aparece apenas duas vezes. Esse gênero também é bastante variável em composição, podendo trabalhar com a múltipla escolha ou com o verdadeiro e falso, para cada qual atende a propósitos diferentes: um serviria para comprovar conhecimentos em determinada área e o outro para obter algum tipo de resultado. Podemos novamente pensar na ideia de subgêneros, na qual teríamos o teste de conhecimento e o teste de personalidade. Este último é o mais comum às revistas femininas em geral, que trabalham com o gênero na perspectiva do autoconhecimento. O texto, por se constituir basicamente em perguntas e respostas, é curto, como os demais dessa publicação.

Dois últimos gêneros devem ser indicados por sua relevância, embora não sejam predominantes na revista: a resenha e o artigo de opinião. Na *Atrevida*, há uma página dedicada a resenhas musicais e cinematográficas e outras duas a resenhas literárias, mas em todas predominam textos de dois ou três parágrafos. Nesse sentido, é interessante notarmos que a resenha ganha um teor muito mais publicitário do que crítico. Já com relação ao artigo de opinião, é comum que revistas desse tipo contenham apenas um no final da edição, e a *Atrevida* não foge à regra. Temos finalmente um texto mais elaborado, sem fragmentações em tópicos, com elementos coesivos, marcas de intertextualidade (o título do artigo é “Congelar ou não congelar: that’s the question”, numa analogia shakespeariana) e tipologicamente variado. Na realidade, percebemos que a *Atrevida* seleciona gêneros já de natureza pouco extensa, como os tutoriais e as entrevistas, de modo que não há espaço para o desenvolvimento de mais textos desse

teor. Quando esse espaço se apresenta, como no gênero reportagem, ele é mal aproveitado.

As considerações feitas sobre a *Atrevida* servirão de modelo para a análise das demais revistas, já que muito do que foi apontado aqui aparece igualmente na *Todateen* e na *Capricho* de modo que é possível estabelecer um padrão entre essas publicações.

2.2 *Todateen*

Pela própria segmentação da revista *Todateen*, já podemos inferir qual é um de seus gêneros mais recorrentes: *hot*; pra você; moda, beleza e *shopping*; *fun* e testes. Havendo uma seção só para testes, fica evidente que o número destes é bastante elevado dentro da revista. De fato, são quatro ao todo, e, além disso, ainda se pode encontrar a chamada “Mais testes”, que convida a leitora a acessar o aplicativo só para esse gênero no *facebook* da revista. Sobre os testes da revista, podemos descrever um subgênero inédito até esse ponto de nossa análise, o qual convém chamarmos de teste-percurso. Nesse caso, existe literalmente um ponto de partida e vários de chegada que representam os resultados possíveis. A resposta para cada pergunta é dada na forma de um percurso diferente a se seguir em vez de opções para se marcar. Em verdade, continua sendo um teste de múltipla escolha, mas com uma construção composicional diferenciada.

Semelhantemente à *Atrevida*, a *Todateen* também disponibiliza capas alternativas para todas as edições, só que, neste caso, são três as opções diferentes. Quanto ao conteúdo, este está disposto em 90 páginas, que, excluídos todos os anúncios publicitários, cai para 59. A título de comparação, das 98 páginas da *Atrevida*, 82 são dedicadas ao conteúdo da revista propriamente dito, ficando o restante para anúncios. Ou seja, é válido notarmos que, embora a diferença de tamanho de uma revista para outra seja pouca, há uma grande desnível em relação ao conteúdo veiculado por elas, já que mais da metade do espaço da *Todateen* é destinado à publicidade. O anúncio publicitário é também um gênero, evidentemente, e pode constituir atividades que contribuem para o desenvolvimento de práticas de letramento em determinados contextos. Além do teste e do anúncio publicitário, outros gêneros frequentes na *Todateen* são a entrevista e o tutorial. Como já mencionamos, esses são gêneros que privilegiam configurações enxutas e segmentadas, embora possam se estender

dependendo da complexidade do conteúdo tematizado. Os gêneros, tomados como “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2003, p. 261), estão suscetíveis a alterações provenientes das esferas de circulação do discurso em que instituem relações. Sendo a *Todateen* parte de uma esfera de lazer e entretenimento, esses gêneros seguem o padrão estabelecido na análise da *Atrevida*: textos lacônicos que favorecem uma leitura fácil e rápida. A diferença é que aqui os textos aparecem ainda mais sintetizados, de modo que sua quantidade aumenta. Em outras palavras, como cada entrevista se resume a quatro ou cinco perguntas e cada tutorial a três ou quatro passos instrutivos, sobra espaço para se publicarem várias entrevistas e tutoriais.

Num nível de generalização mais baixo, podemos identificar uma variedade do gênero entrevista bastante popular entre as revistas adolescentes e que funciona como uma simulação de enquete. A *Todateen*, procurando saber a opinião masculina a respeito de meninas que “se fazem de difícil”, selecionou quatro rapazes para responder algumas perguntas sobre o tema. O objetivo desse tipo de entrevista coletiva é o mesmo que o de uma enquete: mostrar o que determinado público pensa sobre um assunto; mas, ao invés de se fazer um levantamento entre vários indivíduos com respostas preexistentes, entrevista-se um número restrito de membros do grupo cuja opinião pretende-se determinar. Esse é um exemplo interessante da complexidade dinâmica e tendência à inovação dos gêneros textuais, que podem ser explorados sob novas formas para atender a contextos específicos (BHATIA, 2009).

Podemos questionar a validade do gênero tutorial quando ele se refere a temas abstratos, como relacionamentos. O propósito interacional de um tutorial é sempre o de ensinar a execução de determinada tarefa, e se essa tarefa é algo que não pode ser previsto ou esquematizado, o gênero acaba perdendo sua finalidade. Nesse sentido, acabamos por ter um guia barato cuja utilidade é questionável. Não obstante, esse tipo de texto faz sucesso em revistas adolescentes e, no caso da *Todateen*, surge dentro da proposta de um “manual para a ficada inesquecível”.

Gêneros cuja textualização é mais elaborada estão quase ausentes nessa edição. A reportagem, por exemplo, aparece apenas uma vez, numa matéria de uma página sobre carreiras profissionais ligadas à moda. A revista poderia ter aproveitado uma de suas inúmeras entrevistas para formular mais textos desse tipo, fazendo reportagens sobre o entrevistado ou sobre o tema em questão. Isso, contudo, não ocorre, mesmo

quando há espaço físico disponível. Referimo-nos nesse ponto à entrevista com os atores do filme *Crepúsculo*, para a qual foram dedicadas sete páginas da publicação recheadas de fotos dos artistas. Parece óbvio dizer que parte dessas imagens poderia ter sido retirada para dar espaço ao texto de uma reportagem sobre esses mesmos atores, criando, assim, uma matéria mais elaborada.

O gênero carta aparece aqui com as mesmas particularidades que descrevemos na análise da *Atrevida*: as cartas de comentário, de humor e de dúvida. Também não muda a configuração das resenhas, representadas por textos igualmente curtos e pouco críticos sobre música, televisão e cinema. O que vale a pena destacar é que, entre um total de doze resenhas, apenas duas são sobre livros.

Tradicionalmente, a última página de revistas adolescentes é dedicada à publicação de um texto mais longo e reflexivo sobre um tema atual, um artigo de opinião. Entretanto, não podemos dizer que o texto que se apresenta na última página da *Todateen* é um artigo de opinião, e o principal motivo para isso é o tratamento do tema em questão. O texto “Update urgente”, que fala sobre mudanças de visual, carece de aprofundamento crítico e reflexivo, apesar de sua extensão considerável, de modo que se aproxima mais de uma redação escolar. De fato, essa parece ser a intenção, já que quem assina o texto é Teena, uma espécie de mascote da revista. Podemos ainda comparar esse gênero ao *post*, publicação virtual comum em *blogs*, nos quais normalmente se faz esse tipo de digressão superficial envolvendo trivialidades.

2.3 *Capricho*

Essa revista é certamente a mais conhecida entre o público adolescente. Como a popularidade está relacionada à influência, é interessante que esta análise seja mais pormenorizada que as demais. A começar pelo próprio gênero publicitário, já mencionado, mas que aqui ressurge com força. O número de anúncios é significativo, mas há um diferencial em relação a esse gênero na *Capricho* e nas outras revistas. Primeiramente, quanto à sua configuração na página da revista, que é muito mais estratégica: os anúncios são colocados ao lado ou embaixo de uma matéria em vez de ocuparem uma página inteira, o que economiza espaço na revista e diminui os prejuízos de leitura. Além disso, e principalmente, temos anúncios criativos que se mesclam com

outros gêneros. A imagem abaixo foi veiculada nesta edição da *Capricho* e faz propaganda de uma marca de absorventes:



Figura 1 - Anúncio publicitário da marca *Sempre Livre*.

Fonte: <http://www.projetosespeciaisabril.com.br>

Note como, à primeira vista, essa figura sequer se parece um gênero de divulgação, pois temos a impressão de que se trata de mais uma matéria dentro da revista pela semelhança estética entre as publicações. O anúncio retrata um dia na vida de uma garota em diversos horários para explicar a diferença entre os modelos de absorvente da marca *Sempre Livre*. No horário das 6h30min, por exemplo, temos o seguinte comentário: “Despertar com um som animado é uma ótima maneira de espantar a preguiça! Se o cabelo não acordou legal, que tal fazer um coque estiloso? Na mochila, não pode faltar um *Sempre Livre Tri Protect* para deixá-la protegida e confortável o dia inteiro!”. Essa propaganda foi feita especialmente para ser veiculada na *Capricho*, de modo que os anunciantes tiveram o cuidado de criar uma situação de intertextualidade com os gêneros da revista para atrair a atenção do consumidor. Sobre esse fenômeno, Marcuschi (2010, p. 33-34) faz considerações pertinentes:

A questão da intertextualidade intergêneros evidencia-se como uma mescla de funções e formas de gêneros diversos num dado gênero [...]. Veja, por exemplo, a publicidade que se caracteriza por operar de maneira particularmente produtiva na subversão da ordem genérica instituída, chamando a atenção para a venda de um produto. Desenquadrar o produto de seu enquadre normal é uma forma de enquadrá-lo em novo enfoque, para que o vejamos de forma mais nítida no mar de ofertas de produtos.

A *Capricho* destaca-se por explorar o potencial dinâmico e a plasticidade dos gêneros. Suas reportagens, cinco no total, trabalham simultaneamente com entrevistas e até testes. Embora não fuja dos textos picotados e curtos, estes se filiam a gêneros cuja construção composicional é mais incrementada. Temos, por exemplo, a reportagem “Vida de mentira”, que busca expor os perigos de mentir na *internet* através de uma série de relatos não sequenciais, resenhas de filmes que abordam o tema, um tutorial sobre como reagir diante de determinadas situações virtuais e um teste para verificar a postura da leitora dentro das redes sociais. O texto da reportagem propriamente dita tinha pouco mais de dez linhas e ocupava um pequeno espaço dentro da matéria. Sobre o teste, é válido mencionarmos que esse tinha um formato ainda não descrito neste artigo, constituindo, portanto, outra categoria do gênero: eram apresentadas nove perguntas, e a leitora deveria marcar aquelas que respondesse afirmativamente.

O fato de reconhecermos e compreendermos gêneros mesmo fora de suas construções habituais comprova que eles são, de fato, construtos humanos e, como tais, identificáveis por outros humanos. Podemos dizer que somos altamente fluentes em gêneros textuais, capazes de manipulá-los e apreendê-los em diversos contextos sociais.

Apesar de tudo isso, o gênero dominante na *Capricho* ainda é o tutorial. Os temas variam de “cabelo de sereia” a “tênis com *spike*”, somando ao todo seis guias práticos. Praticidade é uma palavra-chave nesse caso, pois os tutoriais dessa edição evitavam temas amorosos, como os identificados na *Atrevida* e na *Todateen*, e se resumiam a dicas práticas de maquiagem, penteado e estilo.

Quanto aos gêneros carta e resenha, há pouco a se acrescentar, visto que eles seguem o mesmo padrão das publicações analisadas anteriormente. Os mesmos subgêneros de carta ressurgem, e as resenhas continuam sendo breves e simplistas. Cabe ressaltar que todas as resenhas são favoráveis aos produtos descritos e os recomendam, não havendo um único apontamento negativo a respeito deles.

Ao final dessa edição, encontramos o artigo “Porque mudar faz bem”, que disserta sobre a mudança não apenas no sentido físico, mas mental e espiritual. O texto segue uma proposta reflexiva e tem oito parágrafos, ou seja, relativamente longo quando comparado às demais publicações. Comparando-o com o artigo da *Atrevida* e o post da *Todateen*, ele apresenta maior pertinência e melhor desenvolvimento do tema, usando recursos argumentativos, como constantes indagações que estimulam o posicionamento crítico da leitora.

3 Considerações finais

Concluimos que os gêneros mais reproduzidos nas revistas voltadas ao público feminino jovem são, em ordem decrescente, o tutorial, a entrevista e o teste. A hipótese levantada para explicar essa predominância é que, por definição, esses gêneros apresentam um estilo verbal simples e próximo do coloquial, pois que apela para os leitores dessa faixa etária. Além disso, em relação ao teste, a grande variedade de formas que esse gênero pode assumir (teste de múltipla escolha, de verdadeiro ou falso e de percurso) também é um atrativo para esse público.

Por fim, cabe mencionarmos o trabalho das revistas com os letramentos múltiplos, um em especial: o internetês, linguagem de *internet*, é fortemente incorporado a todas as publicações analisadas, sobretudo na forma de *hashtags* e *emoticons*. Expressões como *#saudades* e *#ficadica* dominam as páginas, bem como símbolos que representam rostos felizes ou tristes. Rojo (2009, p. 105) defende a validade do internetês enquanto prática de letramento ao dizer que ele atende a necessidades específicas como “estabelecer contato mais íntimo e familiar, informal com o interlocutor, circunscrever uma identidade de grupo”. Essa é uma questão interessante a ser analisada em futuros estudos sobre o tema.

Referências

ATREVIDA. São Paulo: Escala, ago. 2012. Mensal.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-

BHATIA, V. A análise de gêneros hoje. In: BEZERRA, B. G.; BIASI-RODRIGUES, B.; CAVALCANTE, M. M. (Orgs.). **Gêneros e seqüências textuais**. Recife: Edupe, 2009. p. 159-195

CAPRICO. São Paulo: Abril, 04 nov. 2012. Quinzenal.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 19-38

ROJO, R. Práticas de letramento em diferentes contextos. In: _____. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. p. 95-121

TODATEEN. São Paulo: Alto Astral, nov. 2012. Mensal.